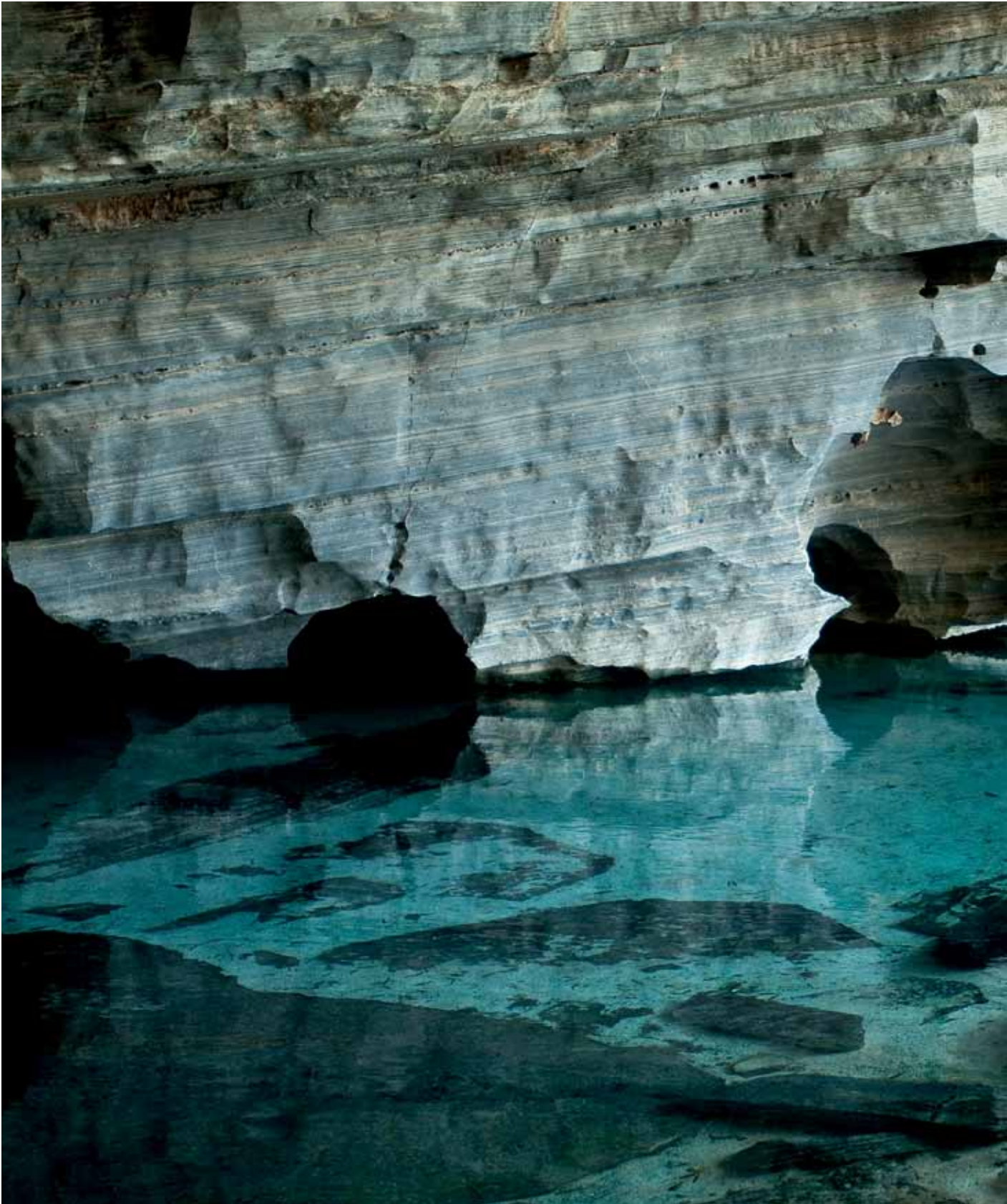
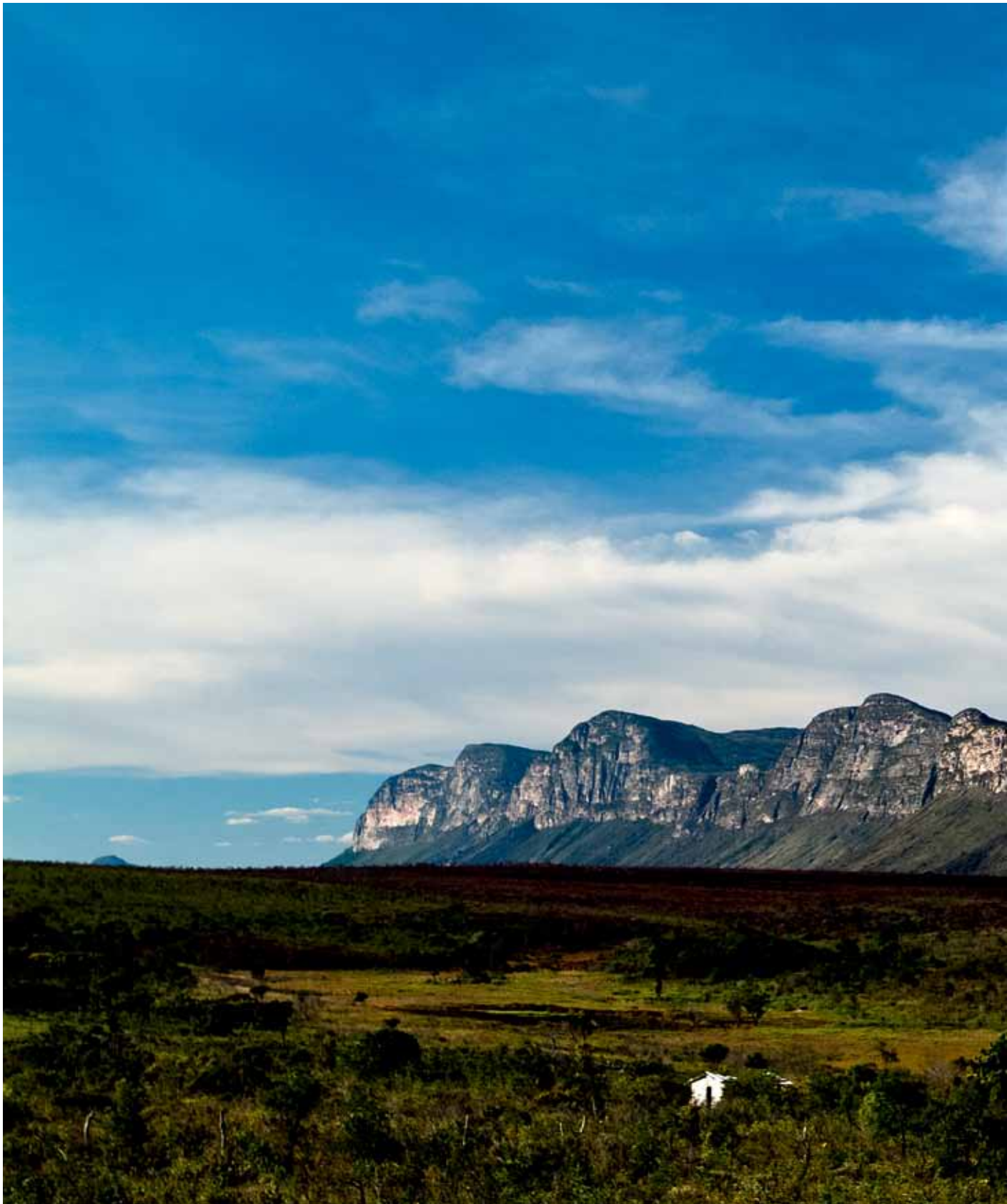


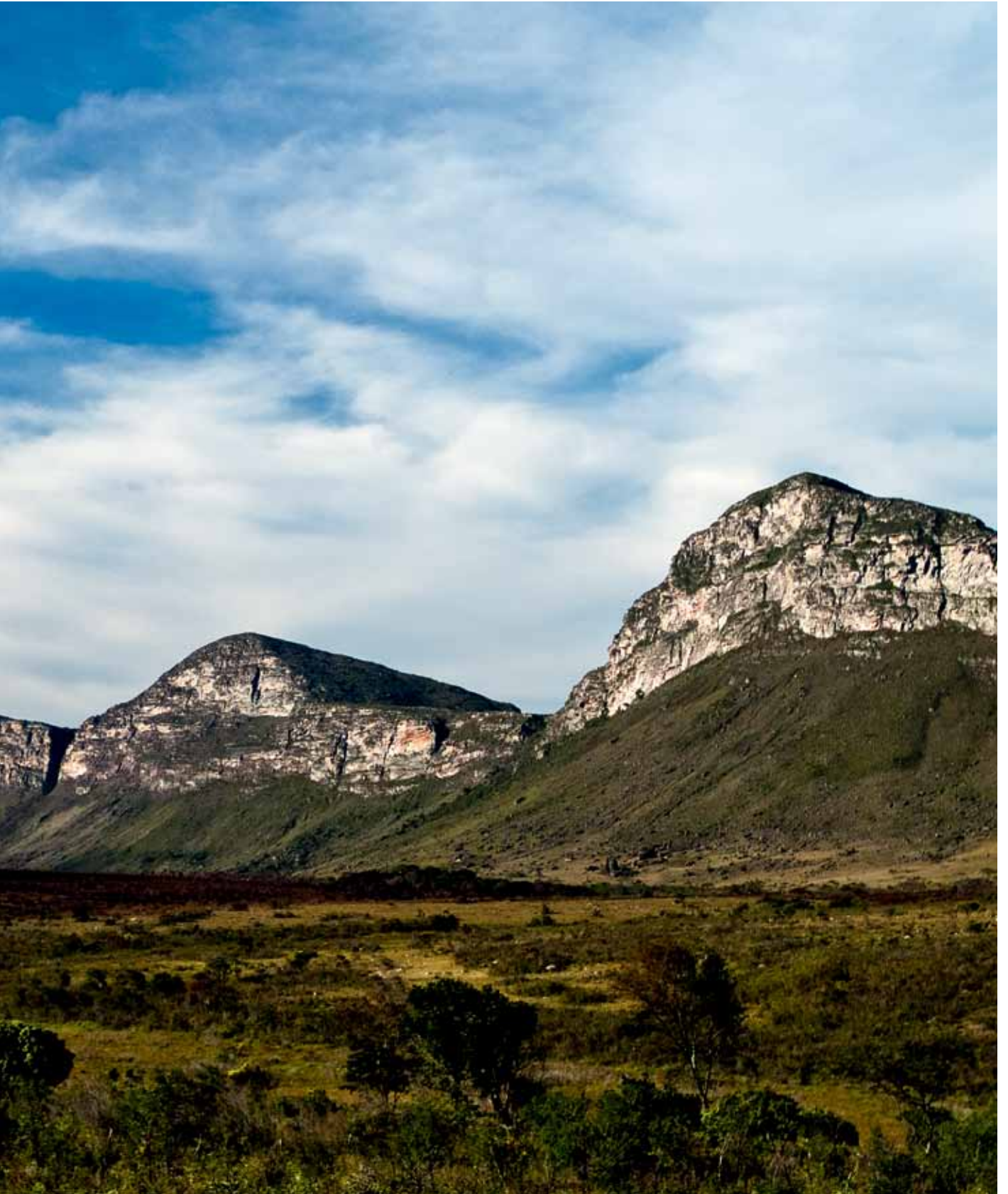
CHAPADA DIAMANTINA

*Coração de pedra*  
*Heart of stone*





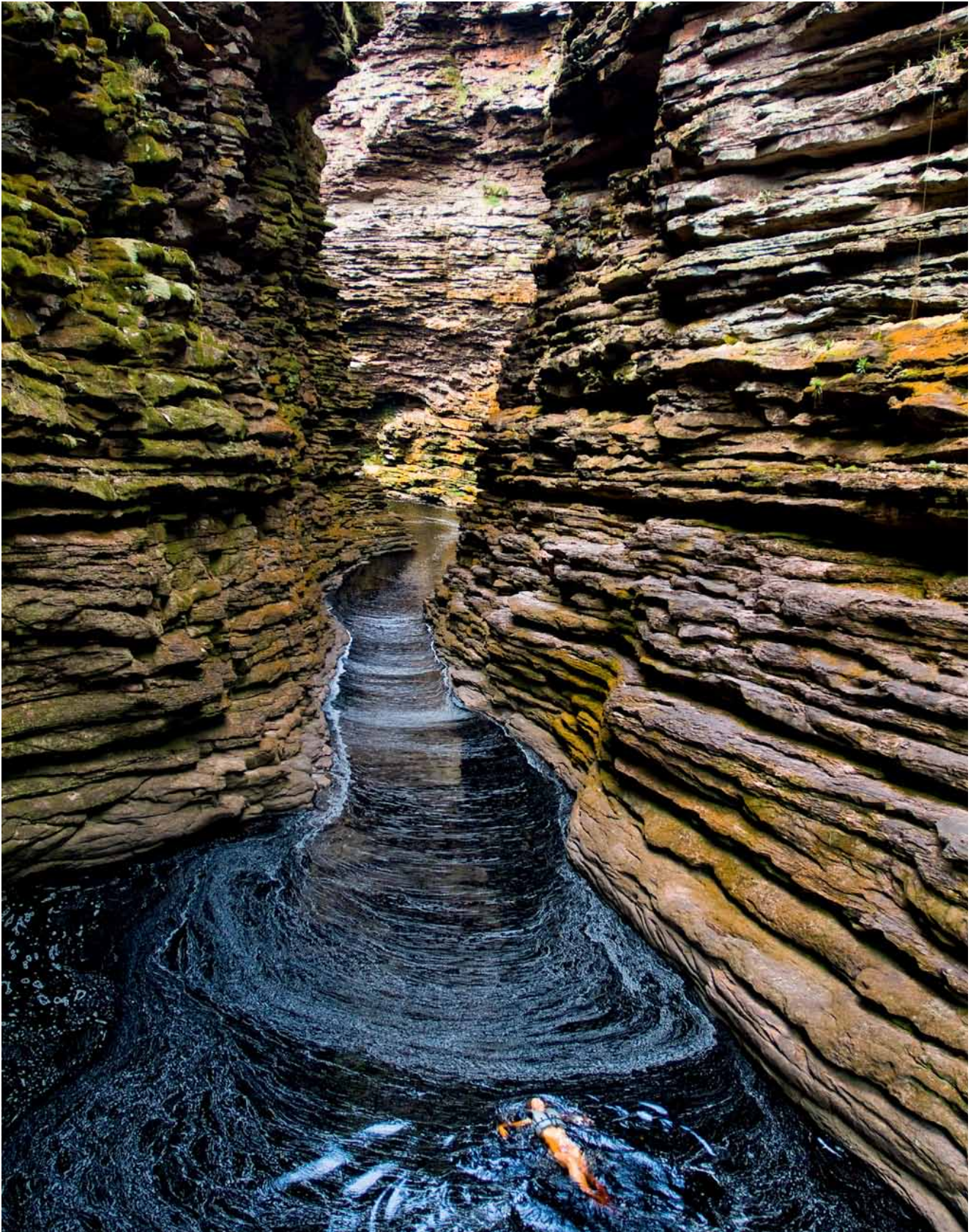






Grandes obras de arte tomam tempo, e não foi por acaso que a natureza gastou 1 bilhão e meio de anos para entalhar a paisagem da Chapada Diamantina. O primeiro bilhão de anos foi o mais violento, com as necessárias movimentações da crosta terrestre para o assentamento das rochas sobre as quais seria dado depois, com mais prudência, o acabamento. Este resultou de uma ação conjunta de rios, chuvas e ventos nos 500 milhões de anos seguintes, concentrados num esforço minucioso em criar alguns dos vales, morros, grutas, cachoeiras e cânions mais bonitos do continente. E, como se isso tudo fosse pouco, a natureza ainda encheu o chão de ouro e diamantes, só para que a Chapada brilhasse ainda mais. Houve um tempo, inclusive, que esses eram os únicos tesouros que interessavam por aqui. Até que acabaram, e em seu lugar o que restou foram tesouros de maior grandeza, que cada vez mais viajantes do mundo todo têm a felicidade de descobrir. E que, por sorte, nunca acabam.

*Great works of art take time and it was not for nothing that nature took some 2.5 billion years to carve out the landscape of the Chapada Diamantina. The first billion years were the most violent, with movements in the earth's crust necessary for the settlement of the rocks that would later be given, with more prudence, a firm layer of finishing. This yielded to a combined action of rivers, rains and winds over the next 500 million years, concentrated in an exacting force that created some of the most beautiful valleys, mountains, caves, waterfalls and canyons on the continent. And, as if this weren't enough, nature also packed the earth with gold and diamonds, just so the Chapada would shine a little brighter. There was a time, incidentally, that these were only treasures that mattered in these parts. That is, until they were entirely depleted, and in their place were left treasures of higher grandeur, which more and more travelers from around the world have the joy of discovering. Treasures which, fortunately, can never be used up.*





O que se convencionou chamar de Chapada Diamantina nada é senão o trecho mais setentrional da Cadeia do Espinhaço, o grande espigão longitudinal que se estende de Minas Gerais à Bahia e que, para os geólogos, se trata da única cordilheira em território nacional. Na Bahia, bem no centro do estado, o maciço aflora na forma de um vasto platô de 38 mil quilômetros quadrados, suspenso em altitudes que raramente ultrapassam os 1.200 metros acima do nível do mar. Quando isso acontece, erguem-se as montanhas mais altas do Nordeste, como o Pico do Barbado, com 2.033 metros de altitude, ponto culminante da região; e o Pico das Almas, com 1.958 metros.

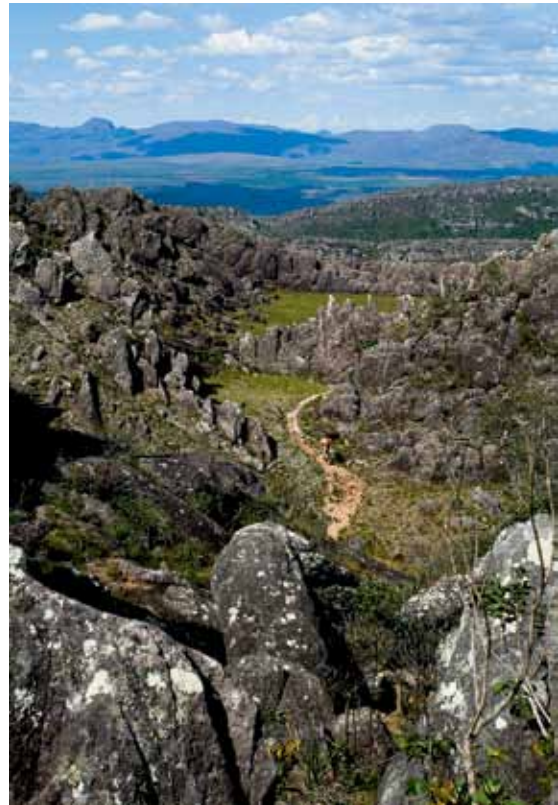
Tão extensa é a Chapada que os homens tiveram de inventar diversos nomes para ela,

um para cada grupo de morros, dando origem a serras que chamaram de Sincorá, Bastião, Mangabeira e Barbado, entre outras. A Serra do Sincorá dizem ser a mais bonita, e essa foi uma das razões pelas quais o governo federal decidiu protegê-la dentro dos 152 mil hectares do Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado em 1985. É uma reserva de muitos tesouros, e entre eles estão a Cachoeira da Fumaça, cujos 340 metros de queda livre a tornam a segunda mais alta do Brasil, e a Gruta do Lapão, uma das maiores cavernas de quartzito do país, com 1 quilômetro de extensão e 60 metros de boca. Mais ao sul, bem no centro do parque, o passar dos milênios transformou uma fenda transversal no Vale do Pati, um corredor verde flanqueado por escarpas de



*What is conventionally known as the Chapada Diamantina is nothing more than the northernmost stretch of the Espinhaço Mountains, the huge longitudinal spike that extends from Minas Gerais to Bahia and which, according to geologists, constitutes the only mountain range in Brazilian territory. In Bahia, right in the middle of the state, the massif emerges in the shape of a vast 23,600-square-mile plateau, standing at altitudes that rarely exceed 3900 feet above sea level. When this does happen, it gives way to the tallest mountains in northeastern Brazil, like the Pico do Barbado, which has an altitude of 6670 feet, the region's high point, and the Pico das Almas, at 6423 feet.*

*Chapada is so vast that people had to invent a variety of names for it, one for each group of*



*mountains, giving origin to the ranges that carry such titles as Sincorá, Bastião, Mangabeira and Barbado. They say that Serra do Sincorá is the most beautiful and it was one of the reasons that the federal government decided to protect it inside of the 152-thousand-hectare area of Chapada Diamantina National Park, created in 1985. It is an environmental reserve with many treasures; and among them are the Cachoeira da Fumaça, whose 1115 foot free fall makes it the second tallest waterfall in Brazil, and the Gruta do Lapão, one of the biggest quartzite caverns in the country, with an extension of one full kilometer and a 200-foot opening. Farther south, right in the center of the park, the passage of the millennia transformed a transversal gap into the Pati Valley, a green corridor flanked by*

arenito que dizem figurar entre as paisagens mais estupendas do território brasileiro.

A natureza, contudo, foi por demais generosa na Chapada Diamantina para que tudo coubesse apenas num parque nacional. E quem vem até aqui invariavelmente termina por dedicar uma boa parte de seu tempo de visita ao entorno da reserva, onde outras preciosidades do patrimônio nacional repousam em terrenos particulares. A começar pelo Morro do Pai Inácio, de cujo topo, a 1.170 metros de altitude, tem-se a visão mais clássica e completa da região. É o caso também de dezenas de cachoeiras, entre elas a do Buracão, tida por muitos como mais bonita inclusive que a da Fumaça. Não pela altura, que não passa dos 85 metros, mas pelo lugar onde cai, dentro de um anfiteatro de rochas ao qual se chega por meio de um desfiladeiro.

E ainda há as grutas e as cavernas, dezenas delas, uma mais esplêndida que a outra, todas situadas fora da área do parque nacional. A Lapa Doce, por exemplo, é a terceira maior de calcário em solo nacional, com 24 quilômetros já mapeados. A da Torrinha, com 13 quilômetros, é também uma das mais extensas do país e esconde raridades como flores de aragonita e agulhas de gipsita. Some-se à lista a Gruta da Pratinha, onde um rio subterrâneo aflora suas águas turquesa, e a vizinha Gruta Azul, cuja lagoa interna recebe, no outono e no inverno, um facho celestial que o sol envia por meio de uma fenda na parede. Espetáculo semelhante, mas de ainda maior intensidade, ocorre no Poço Encantado, onde a



claridade solar favorece a visão de azuis das mais diversas qualidades.

Sobre as rochas da Chapada Diamantina, a natureza fez crescer uma flora que entrelaça espécies do Cerrado e da Caatinga, distribuídas em uma dúzia de tipos de vegetação diferentes. Dois terços da região são compostos de campos rupestres, pradarias que crescem acima dos 900 metros de altitude e que se caracterizam, entre outras coisas, pela abundância de rochas afloradas. O resto divide-se em campos gerais, brejos, matas de encosta e matas de galeria (que crescem no fundo dos vales e na margem dos rios), entre outras formações. Considerando-se que se trata do sertão, zona relativamente pobre em termos de diversidade, chega a ser assombrosa a quantidade de espécies que brotam na Chapada Diamantina. Tome-se como exemplo



sandstone cliffs which are said to figure among the most stupendous landscapes in all of Brazil.

Nature, however, was so generous to Chapada Diamantina that not all of its wonders fit into the national park. And those who visit invariably end up spending a good part of their time in the surrounding areas of the reserve, where other precious jewels of national heritage can be found on privately-owned land. Let's start with the Morro do Pai Inácio, from the top of which, at an altitude of 3840 feet, you can experience the most comprehensive and complete view of the region. It also boasts dozens of waterfalls, among them Cachoeira do Buracão, described by many, by the way, as more beautiful than Cachoeira da Fumaça. Not because of its height, which doesn't exceed 280 feet, but for the locale where it actually

falls— inside of an amphitheater of rocks that is reached via a ravine.

And then there are the caves and caverns, dozens of them, each more splendid than the last, all situated outside of the national park's borders. Gruta Lapa Doce, for instance, is the third largest limestone cave in Brazilian territory, with 15 miles mapped out so far. Gruta Torrinha, with its eight-mile stretch, is also one of the most extensive in the country and hides such rarities as flowers of aragonite and needles of gypsum. Add to the list Gruta da Pratinha, where a subterranean river displays turquoise waters, and the neighboring Gruta Azul, whose internal lagoon receives, in the autumn and winter, a celestial beam sent from the sun through a slit in the wall. A similar spectacle, but one of even greater intensity, occurs at Poço Encantado, where the brightness of the sun favors visions of the most diverse shades of blue.

On the rocks of Chapada Diamantina, nature has produced flora that intertwines species of Cerrado and Caatinga, distributed over a dozen different types of vegetation. Two thirds of the region are composed of rupestrian fields, prairies that rise to heights of above 2900 feet and are characterized by, among other things, an abundance of flower-covered rocks. The rest is divided between open fields, swamps, hillside forests and riparian forests (which grow at the bottom of valleys and on the banks of rivers), among other formations. Considering that we are talking about the backlands, a zone that is

uma expedição organizada pelo Jardim Botânico de Londres em 1974, que detectou, só no Pico das Almas, cerca de 1.200 variedades de plantas, cem delas endêmicas.

Toda a flora da Chapada se beneficia em particular da profusão de águas que jorram dos platôs e escorrem, transparentes ou cor de chá, pelos morros e pelos vales, buscando ou o caminho do mar ou o do interior. A região está bem na divisa de duas bacias, a do São Francisco e a do Atlântico Leste (formada por cursos como o Paraguaçu e o Rio de Contas), e é a ambas que este berçário de rios serve, sempre dadivoso. É como um imenso coração de pedra bombeando a água de cerca de metade dos rios baianos.

Essas mesmas águas deram fama mundial à Chapada no passado, quando o ouro e o diamante que se escondiam nos aluviões garantiram um século e meio de fartura e prosperidade. Primeiro foi o ouro, descoberto no início do século 18 na região do Rio de Contas, no sul, e em Jacobina, no norte. Até então, o povoamento da Chapada Diamantina limitava-se a algumas fazendas de gado, que tinham certa relevância no fornecimento de carne às jazidas de Minas Gerais. Por aqui passava, inclusive, o Caminho da Bahia, importante via terrestre que ligava a então capital Salvador ao garimpo mineiro. Com o surgimento do ouro, a Chapada deixou de ser escala para virar pouso definitivo. Uma das primeiras cidades foi Rio de Contas, que cresceu enriquecida pelas jazidas e favorecida pela proximidade com o rio homônimo, por onde a riqueza era escoada



de barco até Itacaré. Hoje é uma das mais preservadas, com muitas construções tombadas como Patrimônio Histórico Nacional.

Novas cidades brotariam a partir de meados do século 19, depois que o ouro começou a escassear e a descoberta de lavras de diamante trouxe novo fôlego à economia da região. Os historiadores datam como início da saga diamantífera o ano de 1844, quando se encontraram as primeiras pedras no leito do Ribeirão Mucugê. No espaço de um quarto de século, mais de 25 mil pessoas afluíram para a Chapada, instalando-se em arraiais que mais tarde se tornariam cidades como Lençóis, Andaraí, Mucugê e Igatu. Nenhuma delas tem um conjunto histórico tão extenso e tão conservado quanto o de Rio de Contas, mas são cidades adoráveis que adicionam certa graça e cor à paisagem dura da Chapada. Igatu, antiga Xique-Xique, foi em seu tempo uma das mais prósperas, e por todo o entorno ainda restam as ruínas das casas de pedra que antes abrigaram os mineradores.

Em 1870, a descoberta de minas na África do Sul fez diminuir o interesse do mundo pelos diamantes baianos. A produção caiu a índices

relatively poor in terms of diversity, the quantity of species that thrive in Chapada Diamantina is staggering. Consider the example of an expedition organized by the London Botanic Gardens in 1974, which detected, on Pico das Almas alone, around 1200 varieties of plants, a hundred of them native to the region.

All the flora of Chapada benefit in particular from the profusion of waters that gush from its plateaus, transparent or ground-colored, draining down the mountains and into the valleys, in search of a path to the sea or inland. The region is right on the border of two basins– that of the São Francisco River and that of the East Atlantic (formed by such waterways as the Paraguaçu River and the Rio de Contas), and this always-plentiful birthplace of rivers serves both of them. It is like an immense heart of stone pumping waters into roughly half of Bahia's rivers.

These same waters bestowed worldwide fame on Chapada in the past, when the gold and diamonds that were hidden in its alluviums guaranteed a century and a half of prosperity. First came the gold, discovered in the early 18th century in the Rio de Contas region, in the South, and in Jacobina, in the North. Until then, the population of Chapada Diamantina was limited to a few cattle ranches, which had a certain relevance in supplying meat to the strongholds in Minas Gerais. It was through this region, by the way, that the Caminho da Bahia ["The Bahia Road"] ran, an important land route that connected the former national

capital Salvador to the mine prospecting region. With the discovery of gold, Chapada went from being a stopover to a definitive destination. One of the first towns was Rio de Contas, which grew wealthy thanks to the gold deposits and was favored by its proximity to the eponymous river, by which goods were taken to Itacaré by boat. Today, it is one of the best preserved towns, with many structures that are protected as national heritage sites.

New cities started to sprout in the mid-19th century, after gold had begun to grow scarce and the discovery of diamond deposits brought new life to the region's economy. Historians point to the year 1844 as the start date for Chapada's diamond saga; it was then that the first stones were found in the Ribeirão Mucugê riverbed. In the span of a quarter century, over 25 thousand people flocked to Chapada, setting up campgrounds that would later become towns like Lençóis, Andaraí, Mucugê and Igatu. While none have a historical set of structures so extensive and so well-conserved as that of Rio de Contas, they are nonetheless lovely towns that add a certain grace and color to the harsh landscape of Chapada. Igatu, formerly known as Xique-Xique, was in its time one of the most prosperous and the ruins of stone houses that once sheltered miners remain scattered throughout its outlying area.

In 1870, the discovery of mines in South Africa diminished the world's interest in Bahia's diamonds. Production fell to miniscule levels and only didn't cease completely thanks to

mínimos, e só não cessou por completo graças ao carbonado, ou diamante negro, variedade raríssima usada para fins industriais da qual a Chapada Diamantina tem os maiores estoques mundiais. Foi perto de Lençóis, inclusive, que se encontrou em 1842 um exemplar de 3.167 quilates de carbonado, até recentemente o maior diamante de que se tinha notícia no mundo. Em meados do século 20, a chegada do diamante sintético pôs um fim definitivo à saga da Chapada. Da gema, restaram apenas o nome que até hoje batiza a região e a decadência.

Ainda algum ouro ou diamante se garimpa nos aluviões, e é da extração artesanal que muita gente por aqui tira o sustento. Nada muito volumoso, apenas o essencial para uma existência sem luxos, própria do sertão. Riqueza muito maior hoje se extrai do turismo, que desde os anos 1970 vem crescendo a índices galopantes. A decadência que se seguiu ao ciclo do diamante arruinou a economia local, mas preservou a paisagem e o antigo casario das cidades, atraindo visitantes do mundo inteiro. Nas vilas há não muito tempo quase abandonadas, habitadas apenas por alguns garimpeiros renitentes, nasceram pousadas e restaurantes de inédita sofisticação. E as trilhas, outrora abertas no facão por tropeiros, garimpeiros e escravos, viram-se invadidas por gente armada de câmeras e mochilas, em busca não mais de pedras preciosas, mas de tesouros de muito maior valor.

*carbonado, or black diamonds, a very rare variety used for industrial purposes, of which Chapada Diamantina has the largest deposits on earth. It was nearby Lençóis, incidentally, that, in 1842, a 3167-karat black diamond was discovered—until recently the largest diamond ever recorded. In the mid-20th century, the arrival of synthetic diamonds put a definitive end to Chapada’s diamond saga. All that remained of the gem was the name that the region continues to carry and the period of decline left in its wake.*

*There are still some diamonds and gold to be found in the alluviums and plenty of people make a living on DIY extraction. Nothing of great volume, just the essential for an existence without luxury, as it goes in backlands. These days, much greater wealth comes from tourism, which has been growing at galloping rates since the 1970s. The decline that came after the diamond cycle devastated the local economy, but preserved the landscape and the old-fashioned houses of its towns, attracting visitors from all over the world. In these towns that had been all but abandoned for so long, inhabited only by headstrong prospectors, guesthouses and restaurants of unseen sophistication sprung up. And the trails, cleared by the machetes of muleteers, prospectors and slaves of yesteryear, were invaded by people armed with cameras and backpacks, in search of treasures of much greater value than precious gems.*

